

ABATALLA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

REDACTOR PRINCIPAL ***

Alexandre Vieira

EDITOR *****

Joachim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional

diário da lei que regula a liberdade de imprensa

— Oficinas de impressão — R. da Atalaia, 134 —

Redacção e administração — Calçada do Cambro, 39-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. Talhoba — Lisboa — Telefone: 7

Solidariedade

É sobremaneira lisonjeado, que hoje registamos nestas colunas, o magnífico êxito das cotizações que a União dos Sindicatos Operários de Lisboa lançou sobre o povo trabalhador desta cidade. Resposta mais eloquente não se poderia dar à Companhia União Fabril, que procura reduzir os seus operários à condição de escravos, e as empresas jornalísticas burguesas, que pretendem estrangular os gráficos que nas suas oficinas mourejam pelo pão de cada dia, por terem tido a ousadia de defender, valendo-se para isso da greve, única arma que os trabalhadores têm, *A Batalha*, que, apesar da sua curta existência, bastante tem pugnado pelos interesses de todos os expoliados, de todos os oprimidos.

Bom sabemos que as quantias recolhidas, apesar de preferirem uma totalidade importante, não chegam para por completo suprir as necessidades mais imperiosas das contendas de camaradas em luta. Quanto muito, minorarão um pouco a situação difícil que lhes fizeram os potentados vários que por aí engordam à custa da exploração das massas trabalhadoras. Todavia, não deixa o resultado dessa apelo à solidariedade, de ser uma soberba manifestação de força e consciência de algumas dezenas de milhares de proletários que não hesitaram em arrancar às suas reduzidas fôrças alguns centavos para auxílio aos seus companheiros agora em luta.

Indiscutivelmente, a solidariedade operária, que há tantos anos se propaga, é hoje uma realidade. O indiferentismo de outrora vai-se dissipando, substituindo-o o desejo vivo de fazer caminhar a nossa engrenagem social por estradas mais largas, mais rasgadas, em busca de horizontes mais limpidos.

De nada tem valido as perseguições movidas por todos os governos ao operariado. As prisões em massa, o encarceramento de associações, os fuzilamentos bárbaros; enfim, todos os meios de coarctação de que o Estado dispõe, tem resultado inúteis. E tem resultado inúteis porque o proletariado já começa tendo uma consciência de classe, a noção dos seus direitos, e não só dos seus direitos mas ainda dos seus deveres, como iniludivelmente o demonstra o belo exemplo de solidariedade que, com orgulho, vimos de registar nestas colunas.

Por isso nos sentimos animados a prosseguir, a continuar infatigavelmente na nossa obra de organização, chamando ao seio da U. O. N. classes ainda desorientadas e alheias aos seus interesses, alargando até aos recantos mais ignorados da província a nossa propaganda, fazendo luz em todas as consciências, em todos os corações, coordenando todos os esforços e animando todas as vontades, a fim de que a obra que há tantos anos estamos construindo, fique bela, perfeita, admirável em todos os seus detalhes, em todos os seus pormenores.

Grandes obstáculos encontramos no nosso caminho. Uma quantidade incalculável de vontades são necessárias para o remover. Mas estamos tão confiantes em que tudo se conseguirá, em que todas as resistências haremos de vencer, que, animados de uma coragem forte, continuaremos intransigentemente no desempenho da nossa missão. E se dessa energia estamos possuídos, é porque temos a certeza plena de que o proletariado em peso nos acompanhará nesse prelo formidável, não rogando o seu esforço e o seu sangue à causa da emancipação de todos os oprimidos.

sindicatos de Lisboa, encaminhando-se para a União dos Sindicatos Operários, a fim de ali fazer entrega do produto das *questões* locais de trabalho abertas. Neles se notava o tipo inconfundível do trabalhador; quasi todos rudes, muitos curvados ao peso dos anos e às fadigas de um ininterrupto labor. E lá iam, contentes e satisfeitos, entregar o seu *masso* de cédulas — que representava, na maioria dos casos, a falta em muitos lares de um bocadinho de pão — cónscios do dever cumprido, orgulhosos por aos seus camaradas em luta francamente prestarem a sua solidariedade, solidariedade que constitui um laço que mais fortemente une todos os que trabalham, do que as fórmulas de delicadeza hipócrita em uso entre a burguesia.

Os gráficos e os operários da C. U. F. sentir-se não satisfeitos com a manifestação de aplauso e apoio decidido à sua causa que lhes acaba de ser feita. Devem estar mais fortes para a luta, mais ousados, mais enérgicos, porque atrás de si tem a falange imensa dos que trabalham, dos produtores dessa imensa riqueza social que todos os dias a nossos olhos se estadeia e de que não compartilhamos. E em troca dessa eloquente manifestação, as dezenas de milhares de proletários que corresponderam ao apelo da organização sindicalista, desejam que eles continuem lutando esforçadamente, queimando os derradeiros cartuchos para que a vitória lhes pertença, porque de tal forma o brio da classe trabalhadora está empenhado nesta luta, que os gráficos dos jornais burgueses e os gróvistos da Companhia União Fabril não tem o direito de não ficar triunfantes.

O socialismo na Iugoslávia

Já aqui falámos do importante movimento socialista e operário na Iugoslávia ou Sérvia Maior. Conviém notar que, durante a guerra, os socialistas sérvios deram uma lição de coragem a todos os outros.

Recentemente, o socialismo sérvio deu uma nova prova da sua difusão. Dos 2.300 estudantes que há hoje em França, 450 são socialistas, formando quinze grupos. Estes grupos acabam de realizar em Paris um congresso, cujas decisões foram animadas de espírito revolucionário.

«Somos, declaram eles, aderentes fervorosos da Terceira Internacional. Fora da revolução social, não vemos outra saída à situação actual e estamos todos bem dispostos a trabalhar com todas as nossas forças, na Iugoslávia principalmente, mas também em qualquer outra parte, na realização próxima do nosso ideal: a sociedade socialista.»

O congresso dirige uma saudação ao proletariado italiano, declarando-se de acordo com ele na condenação do imperialismo. «A revolução social, que esperamos próxima em ambos os nossos países, bem como no mundo inteiro, fará desaparecer todas as questões de fronteiras, criando a federação das Repúblicas socialistas de todo o globo.»

Noutra ocasião, pede o congresso a união dos búlgaros e iugoslavos. Só a união e fraternidade dos povos, contra todas as dinastias e oligarquias, é que poderá resolver a questão balcânica.

Por fim, protestou contra a intervenção na Rússia e na Hungria, reclamando a pronta e completa desmobilização do exército.

O carimbo da U. O. N.
Tendo desaparecido, quando da busca efectuada pela polícia na sede da U. O. N., o carimbo deste organismo, a Comissão Administrativa previne a organização operária de que deve ter a maior cautela em verificar se os documentos recebidos não devidamente assinados pelo secretário geral.

A comissão administrativa da U. O. N. não toma a responsabilidade dos documentos em que não haja sido observado o acima exposto.

A China não assina
VERSALHES, 28 — Notou-se que a delegação chinesa não assinou o tratado de paz.

Congresso Nacional Operário
A Associação de Classe dos Operários Fabricantes de Guardas-sóis, do Porto e a Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais de Lisboa, delegados directos

NOTAS & COMENTÁRIOS

Um gerico

O sr. Eduardo de Sousa, que é um dos nossos mais distintos jornalistas, sem desfazer no sr. Muralha, conseguiu ser eleito deputado ao por obra dum seletos votos. Tem hoje o seu lugar no parlamento, a meio da sala, duas filas abaixo da do sr. Antonio Zé d'Almeida, seu chefe político. O sr. Antonio Zé, quando ele faz asneira, o que é raro, bem entendido, puxa-lhe levemente as orelhas, como quem não quer a coisa, para o que não necessita de erguer-se do seu lugar, pois as orelhas do sr. Eduardo de Sousa prolongam-se até lá. Ora é o sr. Sousa um leitor assíduo de *A Batalha*. Mas quando nestas colunas toma com qualquer notícia referente ao bolexismo, fica mais espantado do que um burro a olhar para um aeroplano. Benza-o Deus! No dia seguinte lá o tomou na câmara, pela certa, a pedir a palavra sobre o caso. Levanta-se, abana a cabeça, o que o faz ir bater com as orelhas na cara dos parceiros do lado, e desanda a fazer queixas de nós ao ministro da guerra. O ministro emparceira com ele no espanto, concordando em que esta coisa da propaganda bolexista é, de feito, uma grande pouca vergonha. Ora nós podíamos dar aqui umas elucidativas explicações ao sr. Eduardo de Sousa, que muito proveitosas lhe seriam. Mas ele não está já em idade de aprender lições, nem para a sua boca se fez o mel — segundo a sabedoria das nações.

Os aliados e a reacção

Hoje, no Oriente europeu — centro revolucionário do século XX, exactamente como a França foi o do século XIX — os aliados identificam-se com a reacção, embora o procurem encobrir, para enganar o proletariado dos seus próprios países e evitar a sua revolta.

Na Finlândia, reconhecemos o governo Mannerheim — o governo do terror branco, que foi o protegido do Kaiser e dos seus generais.

Na Polónia, instalaram no poder o partido de Dmowski, partido furiosamente nacionalista, anti-semita e conservador, réu de horribles pogroms (matanças de judeus), que tem suscitado a indignação universal.

Na Roménia, associaram-se aos boiárdos, grandes proprietários opressores de camponeses.

Na Rússia, são os amigos e protectores do tsarismo, a reacção revolucionária.

Estas observações não proveem de nenhum jornal revolucionário: são do diário liberal inglês *Manchester Guardian*, o qual não faz, aliás, mais do que exprimir, com sinceridade e coragem, verdades patentes e berrantes, mesmo e sobretudo para os que tem interesse em as... ocultar.

A pão e água
Era este o castigo maior que se dava aos presos, ainda não há muitos anos. Hoje em dia o castigo para quem anda à solta é exactamente o contrário — nem pão nem água, de maneira que dá vontade de voltar atrás e ser preso para lograr esses dois artigos de primeira necessidade.

Quantos e quantos que estiveram presos e receberam aquele castigo notório, se dariam hoje por felizes se o governo os puzesse a pão e água, mesmo no Limoeiro ou na Penitenciaría.

Rapaziadas
Ansiedade se intitula o bimensário que um grupo de rapazes da praça da Granja acaba de editar para ocupar seus ócios. Cê recebemos o primeiro número. Vem fresco. Terá o leitor curiosidade de saber em que consiste a ansiedade dos moços. O sr. Mário da Assunção, por exemplo, ansia, em plena primeira página, por que «a luz divina faça relampejar as lanças portuenses, sedentas de vencer!» Este sr. Mário da Assunção é um poeta portuense, e os seus anseios vão até ao futurismo paranoico, dispendioso e gorduroso, de besuntar a paqueta com margarina, estirando ao sol. Divida o leitor, e aqui lhe estaremos nós, com grande sacrifício do espaço de que dispomos, a *Cancão do Trabalho*, do vate aludido:

«Ei-los que vão passando
Os bonecos dos ventos:
Alquebrados — vencidos
Parecem irem sonhando
E olvidando
As suas cruéis dores
Braços pendidos,
Outros, enxada ao ombro,
Lá vão, caminho do trabalho,
Revolver este monte, aquele escombro,
Com o suor — Na face, — Como orvalho,
E ao ver as dores
De estes humildes homens,
Caindos, sofrendores,
Mourejando sob este mau calor,
Não quero mal ao mundo,
Não!
Antes sinto em mim
(Desejo mais, fundado)
Infame tentação!
Assim como me encontro
Dolente e mofo
Espalhando a vista por essa extensa várzea,
Daí me vontade de me ir deltar ao sol
E unir a barriga com manteiga.

Vejam vocês a beduquice. A nós, quando adriça vemos os rurais em sua vida ruda, o mais que podemos ansear é o advento de uma sociedade melhor. Pois ao sr. Mário da Assunção, ponto é tomar conta do camponês.

Operários
O sr. Eduardo de Sousa, que é um dos nossos mais distintos jornalistas, sem desfazer no sr. Muralha, conseguiu ser eleito deputado ao por obra dum seletos votos. Tem hoje o seu lugar no parlamento, a meio da sala, duas filas abaixo da do sr. Antonio Zé d'Almeida, seu chefe político. O sr. Antonio Zé, quando ele faz asneira, o que é raro, bem entendido, puxa-lhe levemente as orelhas, como quem não quer a coisa, para o que não necessita de erguer-se do seu lugar, pois as orelhas do sr. Eduardo de Sousa prolongam-se até lá. Ora é o sr. Sousa um leitor assíduo de *A Batalha*. Mas quando nestas colunas toma com qualquer notícia referente ao bolexismo, fica mais espantado do que um burro a olhar para um aeroplano. Benza-o Deus! No dia seguinte lá o tomou na câmara, pela certa, a pedir a palavra sobre o caso. Levanta-se, abana a cabeça, o que o faz ir bater com as orelhas na cara dos parceiros do lado, e desanda a fazer queixas de nós ao ministro da guerra. O ministro emparceira com ele no espanto, concordando em que esta coisa da propaganda bolexista é, de feito, uma grande pouca vergonha. Ora nós podíamos dar aqui umas elucidativas explicações ao sr. Eduardo de Sousa, que muito proveitosas lhe seriam. Mas ele não está já em idade de aprender lições, nem para a sua boca se fez o mel — segundo a sabedoria das nações.

Operários
O sr. Eduardo de Sousa, que é um dos nossos mais distintos jornalistas, sem desfazer no sr. Muralha, conseguiu ser eleito deputado ao por obra dum seletos votos. Tem hoje o seu lugar no parlamento, a meio da sala, duas filas abaixo da do sr. Antonio Zé d'Almeida, seu chefe político. O sr. Antonio Zé, quando ele faz asneira, o que é raro, bem entendido, puxa-lhe levemente as orelhas, como quem não quer a coisa, para o que não necessita de erguer-se do seu lugar, pois as orelhas do sr. Eduardo de Sousa prolongam-se até lá. Ora é o sr. Sousa um leitor assíduo de *A Batalha*. Mas quando nestas colunas toma com qualquer notícia referente ao bolexismo, fica mais espantado do que um burro a olhar para um aeroplano. Benza-o Deus! No dia seguinte lá o tomou na câmara, pela certa, a pedir a palavra sobre o caso. Levanta-se, abana a cabeça, o que o faz ir bater com as orelhas na cara dos parceiros do lado, e desanda a fazer queixas de nós ao ministro da guerra. O ministro emparceira com ele no espanto, concordando em que esta coisa da propaganda bolexista é, de feito, uma grande pouca vergonha. Ora nós podíamos dar aqui umas elucidativas explicações ao sr. Eduardo de Sousa, que muito proveitosas lhe seriam. Mas ele não está já em idade de aprender lições, nem para a sua boca se fez o mel — segundo a sabedoria das nações.

Operários
O sr. Eduardo de Sousa, que é um dos nossos mais distintos jornalistas, sem desfazer no sr. Muralha, conseguiu ser eleito deputado ao por obra dum seletos votos. Tem hoje o seu lugar no parlamento, a meio da sala, duas filas abaixo da do sr. Antonio Zé d'Almeida, seu chefe político. O sr. Antonio Zé, quando ele faz asneira, o que é raro, bem entendido, puxa-lhe levemente as orelhas, como quem não quer a coisa, para o que não necessita de erguer-se do seu lugar, pois as orelhas do sr. Eduardo de Sousa prolongam-se até lá. Ora é o sr. Sousa um leitor assíduo de *A Batalha*. Mas quando nestas colunas toma com qualquer notícia referente ao bolexismo, fica mais espantado do que um burro a olhar para um aeroplano. Benza-o Deus! No dia seguinte lá o tomou na câmara, pela certa, a pedir a palavra sobre o caso. Levanta-se, abana a cabeça, o que o faz ir bater com as orelhas na cara dos parceiros do lado, e desanda a fazer queixas de nós ao ministro da guerra. O ministro emparceira com ele no espanto, concordando em que esta coisa da propaganda bolexista é, de feito, uma grande pouca vergonha. Ora nós podíamos dar aqui umas elucidativas explicações ao sr. Eduardo de Sousa, que muito proveitosas lhe seriam. Mas ele não está já em idade de aprender lições, nem para a sua boca se fez o mel — segundo a sabedoria das nações.

Operários
O sr. Eduardo de Sousa, que é um dos nossos mais distintos jornalistas, sem desfazer no sr. Muralha, conseguiu ser eleito deputado ao por obra dum seletos votos. Tem hoje o seu lugar no parlamento, a meio da sala, duas filas abaixo da do sr. Antonio Zé d'Almeida, seu chefe político. O sr. Antonio Zé, quando ele faz asneira, o que é raro, bem entendido, puxa-lhe levemente as orelhas, como quem não quer a coisa, para o que não necessita de erguer-se do seu lugar, pois as orelhas do sr. Eduardo de Sousa prolongam-se até lá. Ora é o sr. Sousa um leitor assíduo de *A Batalha*. Mas quando nestas colunas toma com qualquer notícia referente ao bolexismo, fica mais espantado do que um burro a olhar para um aeroplano. Benza-o Deus! No dia seguinte lá o tomou na câmara, pela certa, a pedir a palavra sobre o caso. Levanta-se, abana a cabeça, o que o faz ir bater com as orelhas na cara dos parceiros do lado, e desanda a fazer queixas de nós ao ministro da guerra. O ministro emparceira com ele no espanto, concordando em que esta coisa da propaganda bolexista é, de feito, uma grande pouca vergonha. Ora nós podíamos dar aqui umas elucidativas explicações ao sr. Eduardo de Sousa, que muito proveitosas lhe seriam. Mas ele não está já em idade de aprender lições, nem para a sua boca se fez o mel — segundo a sabedoria das nações.

Operários
O sr. Eduardo de Sousa, que é um dos nossos mais distintos jornalistas, sem desfazer no sr. Muralha, conseguiu ser eleito deputado ao por obra dum seletos votos. Tem hoje o seu lugar no parlamento, a meio da sala, duas filas abaixo da do sr. Antonio Zé d'Almeida, seu chefe político. O sr. Antonio Zé, quando ele faz asneira, o que é raro, bem entendido, puxa-lhe levemente as orelhas, como quem não quer a coisa, para o que não necessita de erguer-se do seu lugar, pois as orelhas do sr. Eduardo de Sousa prolongam-se até lá. Ora é o sr. Sousa um leitor assíduo de *A Batalha*. Mas quando nestas colunas toma com qualquer notícia referente ao bolexismo, fica mais espantado do que um burro a olhar para um aeroplano. Benza-o Deus! No dia seguinte lá o tomou na câmara, pela certa, a pedir a palavra sobre o caso. Levanta-se, abana a cabeça, o que o faz ir bater com as orelhas na cara dos parceiros do lado, e desanda a fazer queixas de nós ao ministro da guerra. O ministro emparceira com ele no espanto, concordando em que esta coisa da propaganda bolexista é, de feito, uma grande pouca vergonha. Ora nós podíamos dar aqui umas elucidativas explicações ao sr. Eduardo de Sousa, que muito proveitosas lhe seriam. Mas ele não está já em idade de aprender lições, nem para a sua boca se fez o mel — segundo a sabedoria das nações.

Operários
O sr. Eduardo de Sousa, que é um dos nossos mais distintos jornalistas, sem desfazer no sr. Muralha, conseguiu ser eleito deputado ao por obra dum seletos votos. Tem hoje o seu lugar no parlamento, a meio da sala, duas filas abaixo da do sr. Antonio Zé d'Almeida, seu chefe político. O sr. Antonio Zé, quando ele faz asneira, o que é raro, bem entendido, puxa-lhe levemente as orelhas, como quem não quer a coisa, para o que não necessita de erguer-se do seu lugar, pois as orelhas do sr. Eduardo de Sousa prolongam-se até lá. Ora é o sr. Sousa um leitor assíduo de *A Batalha*. Mas quando nestas colunas toma com qualquer notícia referente ao bolexismo, fica mais espantado do que um burro a olhar para um aeroplano. Benza-o Deus! No dia seguinte lá o tomou na câmara, pela certa, a pedir a palavra sobre o caso. Levanta-se, abana a cabeça, o que o faz ir bater com as orelhas na cara dos parceiros do lado, e desanda a fazer queixas de nós ao ministro da guerra. O ministro emparceira com ele no espanto, concordando em que esta coisa da propaganda bolexista é, de feito, uma grande pouca vergonha. Ora nós podíamos dar aqui umas elucidativas explicações ao sr. Eduardo de Sousa, que muito proveitosas lhe seriam. Mas ele não está já em idade de aprender lições, nem para a sua boca se fez o mel — segundo a sabedoria das nações.

Operários
O sr. Eduardo de Sousa, que é um dos nossos mais distintos jornalistas, sem desfazer no sr. Muralha, conseguiu ser eleito deputado ao por obra dum seletos votos. Tem hoje o seu lugar no parlamento, a meio da sala, duas filas abaixo da do sr. Antonio Zé d'Almeida, seu chefe político. O sr. Antonio Zé, quando ele faz asneira, o que é raro, bem entendido, puxa-lhe levemente as orelhas, como quem não quer a coisa, para o que não necessita de erguer-se do seu lugar, pois as orelhas do sr. Eduardo de Sousa prolongam-se até lá. Ora é o sr. Sousa um leitor assíduo de *A Batalha*. Mas quando nestas colunas toma com qualquer notícia referente ao bolexismo, fica mais espantado do que um burro a olhar para um aeroplano. Benza-o Deus! No dia seguinte lá o tomou na câmara, pela certa, a pedir a palavra sobre o caso. Levanta-se, abana a cabeça, o que o faz ir bater com as orelhas na cara dos parceiros do lado, e desanda a fazer queixas de nós ao ministro da guerra. O ministro emparceira com ele no espanto, concordando em que esta coisa da propaganda bolexista é, de feito, uma grande pouca vergonha. Ora nós podíamos dar aqui umas elucidativas explicações ao sr. Eduardo de Sousa, que muito proveitosas lhe seriam. Mas ele não está já em idade de aprender lições, nem para a sua boca se fez o mel — segundo a sabedoria das nações.

SOBRE O CASO DE EVORA

O bando de salteadores ou a quadrilha de gatunos...

«Trata-se de uma infame manobra da reacção, dirigida contra a organização rural e contra um lavrador democrático que olha com simpatia as aspirações dos trabalhadores da terra» — diz-nos o advogado dr. Sobral de Campos

Na *Imprensa* (do Século) veio há dias publicada sob o título — *Arriscada diligência*, uma notícia de Evora pela qual se fazia constar que, depois de um demorado tiroio, a guarda republicana havia lançado mão a um certo número de trabalhadores rurais que faziam parte de uma terrível associação secreta destinada à prática de roubos — roubos que tem vindo a ser praticados há mais de cinco anos e sempre impunes. Acompanhava a notícia uma fotografia dos... malfeteiros e por baixo lia-se o seguinte: *o bando de salteadores*.

Também *A Imprensa* (do Notícias) — não querendo ficar atrás da do *Século* nem deixar de ser solidária no bom sistema jornalístico burguês — publicando um telegrama daquela cidade em que se dizia que tinham sido presos vários indivíduos *sob a acusação de tomarem parte nuns furtos*, nas quintas, não teve a menor dúvida em dar à notícia o título sugestivo — *quadrilha de gatunos*. Tinhamos já informações, que nos mereciam a maior confiança, de que o caso, era bem diverso de como a *Imprensa* burguesa o pintava, mas, como o nosso amigo dr. Sobral de Campos fora chamado a Evora pelos réus e a, consequentemente, ver de perto a questão, deliberámos aguardar o seu regresso para, então, bem inteirados de tudo, iniciarmos a campanha que o caso reclama.

Soubemos que o dedicado patrão dos... dois célebres e terríveis salteadores chegara a Lisboa no sábado, pela manhã, mas igualmente tivemos conhecimento de que se encontrava adoeitado, razão porque não veio à nossa redacção, como prometera, e porque o fomos procurar a casa onde, apesar de recolhido no seu quarto, nos recebeu e nos deu as informações que lhe pedimos e que vamos reproduzir.

Podemos, então, dar a seguinte versão a favor dos presos de Evora? — começamos.

«Seguramente. Podem e devem fazê-la. Aquilo é uma coisa vergonhosa! Trata-se de uma infame manobra da reacção, dirigida contra a organização rural e contra um lavrador democrático que olha com simpatia as aspirações dos camponeses. É um trabalho de reacção, podem crer. A política andada no caso com o manifesto objectivo de ferir os rurais, embora rodeada de mesquinhas rivalidades e pequeninas baixezas — as baixezas, odiosas e mesquinhas que caracterizam a política nacional e que encontramos agravados nos meios sociais da província.

— Mas então...»

«Eu lhes dig' Póvoas, José Manuel Lial, Joaquim António Lata, Gaudêncio Simões de Carvalho, Bonifácio António Mira, Francisco Correia, Manuel Jorge, José Marques, Florêncio José, Manuel Correia, Manuel Rodrigues Vale de Ovelha, José Sebastião Cebola, Jesuino José Madeira, todos trabalhadores rurais, e Miguel Joaquim Faria, proprietário — conformados. Pois bem! A parte dos dois primeiros, todos negam, no processo, E é unicamente pelas declarações e denúncias dos primeiros que os restantes se encontram detidos e provisoriamente pronunciados. Nada mais há contra eles. Nada mais. Vamos agora ver como essa base é frágil e insubstancial e como se descobre o plano dos salteadores da reacção, do verdadeiro bando de salteadores que há neste caso.

«João Gregório Póvoas é de todos os detidos o único que tem alguma culpabilidade — não de tudo o que o acusam, não de fazer parte de uma associação de malfeteiros, mas sim de ter furtado batata e uma orelha da quinta de Domingos Caneças ou Domingos Lagareiro, tendo sido preso pela guarda republicana que vigiava perto dessa quinta. O outro, o José Manuel Lial, confessou, também, mas estando absolutamente inocente, no dizer do próprio Póvoas, e confessou e denunciou outros por medo da guarda. É um ingénuo e nervoso rapazote de pouco mais de vinte anos. No dizer dele, nunca se viu *naquillo*, disseram-lhe que o Póvoas já o indicara e a outros como fazendo parte da quadrilha e ele confirmava tudo supondo assim ser melhor e evitar as agressões da guarda republicana.

«Os outros réus, que foram todos presos em suas casas ou no trabalho, negaram como disse, ao serem interrogados. O mesmo me fizeram a mim. Reconhecendo ser sincera a sua negativa, certa a sua inocência, chamei à minha presença os dois réus que haviam confessado e denunciado — presos que, de resto, haviam manifestado o desejo de me falar — e traté de os ouvir. O Lial fez as declarações que já lhes disse. Era falso, tudo falso o que dissera e ele estava inocente. O Póvoas igualmente afirmou que mentira sempre suas declarações e que o fizera por um queixoso, Domingos Caneças, o que, lhe prometera 500\$000 (quinhentos escudos) e lhe fora indicando nomes de indivíduos como faz parte da associação secreta e coarctada de réus.

Operários
O sr. Eduardo de Sousa, que é um dos nossos mais distintos jornalistas, sem desfazer no sr. Muralha, conseguiu ser eleito deputado ao por obra dum seletos votos. Tem hoje o seu lugar no parlamento, a meio da sala, duas filas abaixo da do sr. Antonio Zé d'Almeida, seu chefe político. O sr. Antonio Zé, quando ele faz asneira, o que é raro, bem entendido, puxa-lhe levemente as orelhas, como quem não quer a coisa, para o que não necessita de erguer-se do seu lugar, pois as orelhas do sr. Eduardo de Sousa prolongam-se até lá. Ora é o sr. Sousa um leitor assíduo de *A Batalha*. Mas quando nestas colunas toma com qualquer notícia referente ao bolexismo, fica mais espantado do que um burro a olhar para um aeroplano. Benza-o Deus! No dia seguinte lá o tomou na câmara, pela certa, a pedir a palavra sobre o caso. Levanta-se, abana a cabeça, o que o faz ir bater com as orelhas na cara dos parceiros do lado, e desanda a fazer queixas de nós ao ministro da guerra. O ministro emparceira com ele no espanto, concordando em que esta coisa da propaganda bolexista é, de feito, uma grande pouca vergonha. Ora nós podíamos dar aqui umas elucidativas explicações ao sr. Eduardo de Sousa, que muito proveitosas lhe seriam. Mas ele não está já em idade de aprender lições, nem para a sua boca se fez o mel — segundo a sabedoria das nações.

Operários
O sr. Eduardo de Sousa, que é um dos nossos mais distintos jornalistas, sem desfazer no sr. Muralha, conseguiu ser eleito deputado ao por obra dum seletos votos. Tem hoje o seu lugar no parlamento, a meio da sala, duas filas abaixo da do sr. Antonio Zé d'Almeida, seu chefe político. O sr. Antonio Zé, quando ele faz asneira, o que é raro, bem entendido, puxa-lhe levemente as orelhas, como quem não quer a coisa, para o que não necessita de erguer-se do seu lugar, pois as orelhas do sr. Eduardo de Sousa prolongam-se até lá. Ora é o sr. Sousa um leitor assíduo de *A Batalha*. Mas quando nestas colunas toma com qualquer notícia referente ao bolexismo, fica mais espantado do que um burro a olhar para um aeroplano. Benza-o Deus! No dia seguinte lá o tomou na câmara, pela certa, a pedir a palavra sobre o caso. Levanta-se, abana a cabeça, o que o faz ir bater com as orelhas na cara dos parceiros do lado, e desanda a fazer queixas de nós ao ministro da guerra. O ministro emparceira com ele no espanto, concordando em que esta coisa da propaganda bolexista é, de feito, uma grande pouca vergonha. Ora nós podíamos dar aqui umas elucidativas explicações ao sr. Eduardo de Sousa, que muito proveitosas lhe seriam. Mas ele não está já em idade de aprender lições, nem para a sua boca se fez o mel — segundo a sabedoria das nações.

Sindicatos Mistos de Indústria e Lúcio

Tese a apresentar ao II Congresso Nacional Operário

A existência dos Sindicatos Mistos, criados pelas necessidades íngenes da organização associativa, fez surgir um novo problema dentro da organização operária, pela diversidade de aspectos sob que aqueles organismos são considerados nas suas relações com os sindicatos puramente de indústrias, impondo-se que o Congresso Operário se pronuncie sobre um transcendental problema, persistindo, como primordial razão, a necessidade de ser definida a sua capacidade sindical e social, que uma parte da organização operária não reconhece suficiente, para a consecução do aperfeiçoamento estrutural da mesma organização.

São considerados mistos os sindicatos compostos por operários pertencentes a mais de uma indústria.

Assim é que os sindicatos do pessoal dos Caminhos de Ferro, dos Correios e Telégrafos, dos Arsenalos do Exército e Marinha, da Imprensa Nacional, da Casa da Moeda, do Município, das Companhias das Águas, do Gaz, da União Fabril, dos Tabacos, etc., agrupam operários de variadíssimas indústrias, representando, no seu conjunto, uma das mais numerosas forças proletárias.

O facto, porém, desses sindicatos serem constituídos por operários de diversas indústrias, não invalida a acção que os mesmos tenham de desenvolver, que os mesmos tenham de respeitar os seus direitos económicos e morais, perante as entidades a que os mesmos estejam subordinados e que, neste caso, eles considerem representativa do patronato, residindo, nesta orientação, o mais poderoso motivo da sua existência, simplesmente, sob o ponto de vista corporativo.

Importante é também a razão resultante do facto da paralização de qual quer das secções profissionais desses sindicatos implicar uma paralização em todas as outras secções, por, do seu conjunto, estar dependente o funcionamento regular dos serviços que resultam do trabalho colectivo dos operários de todas as secções do mesmo sindicato.

Se qualquer dos motivos citados constitui uma das fundamentais razões que justificam a existência dos sindicatos mistos com a estrutura que actualmente possuem, outras mais poderosas produzir, que viriam decerto robustecer o princípio afirmado, de que a sua constituição obedece às necessidades duma organização associativa, que visou apenas uma defesa legítima de interesses económicos e morais, que uma vasta regulamentação, especializada de todas as indústrias consideradas particulares, permanentemente ameaça, colocando os operários à mercê, não só dos perigos a que todos os operários estão sujeitos, como ainda sob a contingência duma acção mais repressiva e violenta, a que uma série de regulamentos, devidamente aprovados pelos governos, dá legalidade. Alguns dos Sindicatos Mistos actualmente existentes, foram criados há já bastantes anos, quando a organização operária portuguesa ainda mantinha as velharias rotineiras duma estrutura orgânica defeituosíssima e quando uma parte dos seus militantes tinha como principal preocupação a multiplicação do número de Sindicatos, sem outro objectivo mais do que a defesa económica dos trabalhadores, levada a efeito pela acção associativa isolada. Ainda quando da realização do Congresso de Tomar, em Março de 1914, se reconheceu a deficiência do movimento operário em Portugal e as velharias rotineiras a que ele se achava preso, não conseguindo a Comissão Organizadora e todos quantos no Congresso tiveram assento, moldar a Central dos Sindicatos Operários Portugueses numas bases completamente modernizadas e compatíveis com as necessidades essenciais da própria organização operária, em relação à profunda revolução que se tem operado até hoje, nas ideias e aos costumes da sociedade burguesa, contra a qual o proletariado teria de sustentar rude combate. Foi assim, que os militantes operários de 1914 tiveram de aceitar a U. O. N. baseada num molde resistentes ao valor e importância da organização a esse tempo existente, dando vida a fórmulas, que, implicitamente, eram defeituosas, mas que impossibilitavam-se tornava, de momento, modificador.

Pela mesma razão e sujeitos às mesmas fórmulas, os Sindicatos Mistos se desenvolveram, não visando outro objectivo senão o da necessidade da defesa dos interesses económicos e morais dos seus associados. Se justificada está a razão da sua existência, os sindicatos Mistos tem, com raríssimas e honrosas excepções, deixado de cumprir os seus deveres para com a organização operária, sendo a ela, na sua maioria, absolutamente refractários. Deve-se este facto, principalmente, a dentro deles se criar um espírito de *conquiere* que por com a noção exacta dos seus deveres para com a organização operária, não se dá ao de

«Metam-lhes as mãos no copião e apertem bem. Veremos se não confessam tudo...»

«Isso é estupendo! — continuamos nós.

«Pois é. Mas é verdade, que há quem o ouvisse e quem o testemunhe, se for necessário.»

Os deportados
Na Companhia Nacional de Navegação ainda nada se sabe acerca da chegada, hoje, a Lisboa, do paquete *Zaire*, que a bordo traz os deportados da greve geral de Novembro.

A Associação dos Metalúrgicos do Porto e Gaia enviou-nos o seguinte telegrama: «Saúdamos regresso deportados de África.

Um comício no Nacional
Promovido pelo pessoal dos Hospitais Cívis

Realizou-se hoje no Nacional o anunciado comício da Associação do Pessoal dos Hospitais Cívis. A assistência era numerosa, tendo presidido o sr. dr. Paiva Manso, secretário por Alexandre de Almeida e Carvalho Magalhães Ferraz.

Falaram os srs. Martins J. Feres Matos Cordeiro, Chaves Ferraz e Abel da C. Durante o comício incidentes, terminando de uma moção pedida por dr. Lobo Alves e o soal dos hospitais.

Operários
O sr. Eduardo de Sousa, que é um dos nossos mais distintos jornalistas, sem desfazer no sr. Muralha, conseguiu ser eleito deputado ao por obra dum seletos votos. Tem hoje o seu lugar no parlamento, a meio da sala, duas filas abaixo da do sr. Antonio Zé d'Almeida, seu chefe político. O sr. Antonio Zé, quando ele faz asneira, o que é raro, bem entendido, puxa-lhe levemente as orelhas, como quem não quer a coisa, para o que não necessita de erguer-se do seu lugar, pois as orelhas do sr. Eduardo de Sousa prolongam-se até lá. Ora é o sr. Sousa um leitor assíduo de *A Batalha*. Mas quando nestas colunas toma com qualquer notícia referente ao bolexismo, fica mais espantado do que um burro a olhar para um aeroplano. Benza-o Deus! No dia seguinte lá o tomou na câmara, pela certa, a pedir a palavra sobre o caso. Levanta-se, abana a cabeça, o que o faz ir bater com as orelhas na cara dos parceiros do lado, e desanda a fazer queixas de nós ao ministro da guerra. O ministro emparceira com ele no espanto, concordando em que esta coisa da propaganda bolexista é, de feito, uma grande pouca vergonha. Ora nós podíamos dar aqui umas elucidativas explicações ao sr. Eduardo de Sousa, que muito proveitosas lhe seriam. Mas ele não está já em idade de aprender lições, nem para a sua

OLIMPIA MATINÉE E S.
Desde as 2 h.
ESTREIA - AS DESGRAÇAS DE GAVICHIONI
2.ª jornada da colossal série
AS ÚLTIMAS AVENTURAS DE
No programa outros êxitos de ecran